

A PSICOLOGIA CONCRETA E OS PROBLEMAS QUE ELA LEVANTA

LA PSICOLOGÍA CONCRETA Y LOS PROBLEMAS QUE PLANTEA

CONCRETE PSYCHOLOGY AND THE PROBLEMS IT RAISES

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v18i1.74110>

Bruno Peixoto Carvalho¹

[Entrevista: Angelina Pandita Pereira, Hélio da Silva Messeder Neto e Giselle Modé Magalhães]

Bruno Peixoto Carvalho é psicólogo, professor adjunto no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Germinal: Bruno, inicialmente gostaríamos de agradecer pela sua disponibilidade em participar deste dossiê, que traz como tema central a busca pela psicologia concreta. Para aquecermos a conversa, poderia, inicialmente, nos contar como você define a psicologia concreta e seu objeto de estudo?

Bruno Peixoto Carvalho: Agradeço, inicialmente, a oportunidade de posicionar algumas das linhas do debate aberto por Politzer em relação à psicologia concreta com o público da Germinal.

Antes de tudo, é preciso definir a psicologia concreta e seu objeto nos termos daquele autor que a formulou pela primeira vez: Georges Politzer. Quando formula a ideia de psicologia concreta, Politzer (2004) o faz em oposição à tendência abstração, um dos traços com que ele caracteriza a psicologia clássica. A psicologia clássica toma o relato dos sujeitos – seja ele o relato de uma experiência, a descrição de uma percepção ou a resposta a um experimento –, transforma-o em um segundo relato do qual se destitui o sentido mesmo daquela ação/experiência e o reduz às categorias nocionais (conceitos) de uma escola psicológica qual seja. Em linhas muito gerais, nisso reside a tendência à abstração: o conteúdo significativo de uma ação, em vez de ser remetido a outras ações e ao conteúdo dramático do qual aquela ação deriva, é substituído pelas categorias do mundo interior, sejam elas a consciência, o inconsciente, a vontade, a *gestalt* ou a apercepção. Imagine que eu me esqueci o aniversário de alguém muito importante para mim. Um psicólogo cognitivista poderia oferecer uma explicação relativa ao atributo de evocação da memória e descrever as condições em que a reprodução da informação torna-se menos eficaz. Meu relato sobre o esquecimento deste evento, sua importância relativa e as consequências, antevistas ou fantasiadas, cedem lugar a um segundo relato no qual as funções cognitivas e seus atributos assumem o lugar de sujeito do esquecimento. Ao contrário, um

analista diante do mesmo relato não se ocuparia em situar o conteúdo do esquecido em relação às qualidades da função da memória, mas de apor a importância do esquecido em função daquele que esqueceu ou, em outras palavras, trata-se aqui de entender porque precisamente eu me esqueci desse conteúdo ou de alguém determinado. Temos nessa oposição, duas atitudes psicológicas distintas: a primeira marcada pelo formalismo e pela tendência à abstração; e a segunda caracterizada por uma orientação ao concreto.

Politzer encontrou, na *Interpretação dos sonhos* de Freud o negativo da tendência à abstração da psicologia clássica. Em oposição à teoria fisiológica dos sonhos, para a qual o sonho se define negativamente pelos conteúdos da consciência e dos processos de pensamento sem o controle da função da vigília (menos atenção, menos consciência), Freud define o sonho como um fato propriamente psicológico.

A afirmação freudiana de que “o sonho é a realização de um desejo”, é prenhe de consequências. Primeiramente, porque sendo o sonho a realização de um desejo e sendo o desejo sempre o desejo de algo por alguém, o sonho é um fato inseparável do sujeito que sonha (do eu), do conteúdo concreto de sua vida dramática. Em segundo lugar, não pode haver um significado geral para o sonho ou qualquer elemento nele presente; o sentido do sonho só pode ser encontrado na vida dramática daquele que sonha. É só na vida do analisando que o sonho encontra seu sentido. Temos aqui, uma psicologia em primeira pessoa.

A atitude concreta de Freud diante do problema dos sonhos não é, ainda, a psicologia concreta. Embora Freud a tenha anunciado, não pôde realizá-la; e isso porque na mesma *Interpretação dos sonhos* Politzer observa a persistência da abstração. Ocorre que, quando Freud se depara com a diferença entre o que o sujeito sabe e o que não sabe sobre o seu sonho, ele formaliza este fato nos termos da oposição entre conteúdo manifesto e conteúdo latente do sonho, situando o conteúdo dos sonhos a partir da dinâmica conflitiva entre inconsciente e consciente, mediada pelos mecanismos de defesa. Nessa operação, a vida dramática dá lugar a um segundo palco formado pelas forças impessoais do aparelho psíquico que regem a nossa vida interior. A psicanálise, aqui, como o resto da psicologia clássica incorre na psicologia em terceira pessoa.

Fiz esse caminho um pouco sinuoso para registrar que na mesma *Interpretação dos sonhos* encontram-se tanto a tendência à abstração e o formalismo nocional da psicologia clássica quanto a orientação ao concreto. E, também, para ilustrar que a psicologia concreta aparece pela primeira vez com a psicanálise de Freud, mas não se confunde com ela.

Resta então, dizer algo sobre como Politzer define o objeto da psicologia concreta. Mas pra isso eu vou precisar referir-me a dois ausentes em nossa conversa até o momento: a teoria da *Gestalt* e o behaviorismo watsoniano. Politzer compreendia que as principais tradições em psicologia carregavam tanto os vícios da psicologia clássica quanto os germens da psicologia concreta. Sua *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* envolvia uma apreciação crítica destas abordagens, mas ele apenas concluiu o volume dedicado à psicanálise. Na introdução e conclusão deste trabalho, encontramos algumas poucas pistas daquilo que ele pôde arrancar preliminarmente de sua análise destas duas tradições e a partir do que ele provisoriamente buscou definir como objeto da psicologia concreta.

O principal mérito do “behaviorismo consequente” de Watson (a expressão é de Politzer) foi a rejeição à ideia de vida interior. Watson radicaliza a necessidade de que a psicologia fosse uma ciência objetiva, anunciando o comportamento como seu objeto e dele arrancando sua significação propriamente humana. De

outro lado, a teoria da *Gestalt* ao referir-se ao ato perceptivo interno como um fenômeno dotado de estrutura e sentido não enlaça essa estrutura e sentido com absolutamente nada na vida dos sujeitos, mas concebe tais qualidades como propriedades mesmas da estrutura da percepção e da realidade física, não sendo formadas na dinâmica viva da história dos sujeitos.

O objeto da psicologia concreta, na formulação de Politzer, seria o drama, um segmento da vida do sujeito que reúne o ato – a dimensão externa e imediatamente apreendida –, a significação – seu componente interno – e o contexto. Os relatos constituiriam o próprio material fático da psicologia e a descrição e análise do relato corresponderiam ao método de investigação desse objeto.

Notem que nessa formulação de psicologia concreta de Politzer há um rechaço contundente à psicologia dos processos internos – tanto em suas formulações da psicologia da consciência quanto da psicanálise – e a defesa da psicologia como uma ciência *sui generis*, uma ciência em primeira pessoa, uma ciência do singular. Eu tenho certa objeção à ideia de que se possa chamar a psicologia de ciência enquanto abandonamos a exigência de descobrir as leis gerais que regem a formação do comportamento, da consciência e da personalidade.

Lucien Séve (1979) em seu *Marxismo e teoria da personalidade* foi quem, em minha avaliação, deu uma direção bastante coerente no sentido das exigências que Politzer levantou quanto à psicologia ser uma ciência que rejeita o recurso aos processos internos. Ali, ele apresenta uma teoria do processo de individuação bastante referenciada nos conceitos basilares da teoria social de Marx e Engels, cujas categorias estruturantes da individualidade são as necessidades, os atos e as capacidades. Não encontramos ali propriamente uma ciência psicológica, mas um desdobramento da teoria social aos processos de formação do indivíduo. Ler este trabalho de Sève, absolutamente inspirado na fortuna crítica politzeriana, fez-me pensar que a psicologia concreta nos termos em que Politzer a sustentou (uma ciência em primeira pessoa que abdique de elaborações nocionais universais do psiquismo) talvez não seja possível. É claro, minha leitura séria da obra politzeriana data de aproximadamente doze anos, ela ainda não percorreu o que de mais decisivo Politzer realizou no debate filosófico e, por isso, eu não me fecharia à ideia de retificar essa opinião em um par de anos.

Então, eu penso que ainda temos que nos acertar com Politzer quando falamos na construção de uma psicologia concreta. A afirmação de Vigotski (2000) no *Manuscrito de 1929* de que sua teoria do desenvolvimento cultural era “a elaboração abstrata da psicologia concreta” parece um bom ponto de partida para esta reelaboração.

Germinal: Faz sentido, no século XXI, falarmos de uma busca pela psicologia concreta? Quais os desafios, deste tempo histórico, para construirmos uma psicologia concreta?

Bruno Peixoto Carvalho: Dada a situação atual da psicologia, lidamos com um fenômeno paradoxal. De um lado, há uma enorme heterogeneidade de teorias, muitas vezes colidentes entre si, que formam a psicologia. De outro, temos uma hegemonia cada vez mais acentuada do cognitivismo na explicação daqueles fenômenos a que se dedica a psicologia. Gostaria de abordar cada uma destas questões em particular para formar uma ideia melhor de conjunto.

Quando Vigotski e Politzer se houberam na década de 1920 com o problema da crise da psicologia, se dispuseram a realizar um exame crítico deste conjunto. A eles interessava entender tanto a fonte da heterogeneidade de teorias e princípios explicativos que eram empregados para explicar os fenômenos psicológicos, quanto identificar em cada um dos principais sistemas teóricos de psicologia as verdades que eles enunciavam, fosse no plano teórico, fosse no plano metodológico. Vigotski tomou para análise a *gestalt*, a reflexologia, a psicanálise e o personalismo de Stern. Politzer analisou a psicanálise e fez algumas poucas considerações analíticas sobre o behaviorismo de Watson e a *gestalt*.

As análises de Vigotski e Politzer não consistiram numa rejeição pura e simples das teses equivocadas das teorias espiritualistas ou das abordagens mecanicistas, mas buscavam encontrar nessas formulações sobre o psíquico o seu núcleo racional. No caso de Vigotski (2009), essa atitude é ainda mais impressionante, porque para cada problema teórico a que ele se dedicava, ele trazia um apensado crítico das principais teorias, métodos de investigação e generalizações teóricas. A título de exemplo, quando tratou do problema do desenvolvimento do pensamento e da fala, Vigotski passou em revisão alguns métodos do estudo experimental dos conceitos, interpretou alguns resultados destes estudos em sua teoria sobre o desenvolvimento dos conceitos apontando seus limites – como o fato de que a maior parte dos experimentos permitia a investigação dos conceitos já formados pelos participantes, mas não era capaz de reproduzir experimentalmente o processo de formação de um novo conceito – e reelaborou experimentos em conformidade com sua teoria do desenvolvimento cultural do psiquismo.

Politzer dizia que a verdade trabalha em muitos lugares ao mesmo tempo. Talvez, por isso, sua iniciativa em organizar a *Revue de Psychologie Concrète* foi aberta a contribuições das mais distintas matrizes teóricas. Se era preciso considerar que a psicanálise, primeira forma de aparição de uma atitude concreta na psicologia, também padecia dos problemas da abstração, então as demais teorias, radicadas no formalismo e na abstração, também poderiam conter algo de verdadeiro sobre a psicologia concreta.

Como Politzer e Vigotski lidaram com a heterogeneidade da psicologia? Antes de tudo, se dispuseram a analisá-la. As alternativas para a crise da psicologia estão inscritas e se desenvolvem na própria psicologia e não fora dela. Mas eles não assumiam tal estatuto heterogêneo como uma virtude da ciência psicológica, e sim como um momento cuja superação era uma necessidade. Em nossos tempos, fala-se da diversidade da psicologia como se isso fosse uma virtude, como se pudesse haver algo de positivo ante o fato de que haja três ou quatro explicações para um mesmo conjunto de fatos e fenômenos dos quais se ocupa a psicologia. Daí que um primeiro desafio que compreendo importante para uma psicologia concreta no século XXI é o exame crítico das principais teorias psicológicas que vigem atualmente, buscando nelas – quando há – as alternativas que apresentam à psicologia clássica.

Quanto ao segundo ponto do fenômeno paradoxal a que me referi, convém falar algo do que eu chamei de hegemonia do cognitivismo.

Apesar de existir certa variedade entre as teorias cognitivistas, penso que elas partilham de um pressuposto comum: nossos comportamentos, nosso desenvolvimento, incluindo as nossas dificuldades em algum domínio da vida, são determinados pelas funções cognitivas cuja sede é o cérebro. Se uma criança vai mal na escola e não consegue concentrar-se nas aulas, sugere-se que algo possa estar ocorrendo com sua função

atencional. Após a resposta a um questionário padronizado pelos responsáveis pela criança e pela sua professora, ou após a realização de alguns testes atencionais, cujos resultados apenas situam o desempenho da criança relativamente ao de uma população dada, pode-se constatar que seu quadro é compatível com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. O objeto da desatenção da criança e a história da criança em relação a tal domínio não costumam ter espaço nesse tipo de avaliação. A isso podem se seguir a prescrição de um fármaco, de alguma intervenção orientada pela Terapia Cognitivo Comportamental e algumas prescrições genéricas aos professores sobre “como educar uma criança com TDAH”. E, então, já não temos mais uma criança em dificuldades na escola, mas o cérebro e suas funções mentais completamente divorciados do eu que atua, que estuda, que fracassa na escola, que tenta responder a essas tentativas mal sucedidas.

O relativo sucesso destas explicações simplistas sobre a relação entre cérebro e comportamento, cuja presença na mídia televisiva, nas redes sociais, no senso comum e na comunidade escolar é tão evidente, ancora-se em um poderoso complexo econômico que as promove e que envolve a produção de fármacos e tecnologias de intervenção em saúde, a oferta de formação profissional para atuar com essas tecnologias, a criação de um imenso mercado de trabalho para profissionais de saúde e a promoção de políticas públicas de saúde e educação nucleadas por estas explicações cujo núcleo racional é a hipótese cognitivista sobre as relações entre cérebro, funções mentais e comportamento.

O cognitivismo representa uma forma muito empobrecida da psicologia dos processos mentais, da tendência à abstração, mas há um agravante importante que é o fato de que em nossos tempos, ele tem atuado como uma ideologia muito popular presente em várias esferas da vida social.

A crítica às concepções medicalizantes do comportamento e da educação, penso, é tarefa importante da psicologia concreta em nossos tempos. Mas isso, também, é insuficiente. É preciso, ainda, que a psicologia concreta se dedique a investigar como certos processos de desenvolvimento do comportamento e do psiquismo que resultam em dificuldades em qualquer domínio da vida de um sujeito, formam-se como resultantes do desenvolvimento cultural e quais respostas podemos oferecer a estas dificuldades no plano da organização do meio cultural dos sujeitos. Isso também é insuficiente, pois há elementos relativos à estrutura do meio cultural que não podem ser mobilizados na organização de uma intervenção qualquer que seja ela. A abstração cognitivista é um invólucro necessário ao atual estágio do desenvolvimento capitalista, na medida em que todos os aspectos da vida devem tornar-se fonte de lucro. De tempos em tempos, psiquiatras membros de algum grupo de trabalho do DSM após terem promovido a expansão de algum rótulo diagnóstico vêm a público fazer um *mea-culpa* sobre os efeitos iatrogênicos dos diagnósticos e tratamentos psiquiátricos, mas essa expiação pública sequer roça a ampliação do complexo industrial de saúde e das visões ideologizadas de mundo que ele patrocina. Por isso, a superação – parcial que seja – da abstração cognitivista, depende de que nossos esforços pela construção de uma psicologia concreta estejam progressivamente integrados às tarefas da luta anticapitalista. Sua superação definitiva depende de que superemos a ordem burguesa.

Germinar: Em sua compreensão, há diferenças entre a concepção de concreto expressa por Kosik, Vigotski e Politzer? Se sim, quais especificidades podemos encontrar entre os diferentes autores?

Bruno Peixoto Carvalho: Essa pergunta é um pouco desconcertante. Digo isso porque a categoria do concreto está presente na obra destes autores em níveis de análise bastante distintos.

Consideremos a *Dialética do concreto* de Kosik (1976), inicialmente. Kosik lida com o problema do concreto e seu anverso, a pseudoconcreticidade, a partir da dinâmica da práxis fetichizada em que ele situa o cotidiano, a história e a economia. Kosik lida com o tema do concreto numa dimensão bastante abrangente, que inclui a história do pensamento e as formas com que o pensamento abordou a totalidade do real ao longo do tempo. É no plano da teoria do conhecimento que Kosik discute o problema da concreticidade, suas formas aparentes e suas formas fetichizadas.

Embora as discussões de Politzer se relacionem com certos problemas relativos à teoria do conhecimento, não é neste plano que sua discussão é feita, mas sim naquele relativo à cientificidade da psicologia e, mais particularmente, à formulação do seu objeto de investigação. A oposição entre a abstração (psicologia abstrata) e o concreto em Politzer nada tem a ver com aquela discussão da teoria do conhecimento sobre a relação entre o abstrato e o concreto como momentos lógicos do pensamento.

Quando Politzer opõe a tendência à abstração – um dos elementos da ideologia da psicologia clássica – à psicologia concreta, ele não relaciona a tendência à abstração com uma forma fetichizada da práxis, como Kosik faz. Para ser justo com Politzer (1975), ele até se refere à tendência à abstração como uma “mística” da vida burguesa, mas essa relação entre a ciência psicológica e a vida na sociedade capitalista é mais evocativa do que propriamente analítica em seus escritos psicológicos. Em seus escritos filosóficos de combate às filosofias irracionalistas, este nexo entre a sociedade burguesa e seus desdobramentos no plano do pensamento é melhor dimensionado e se aproxima um pouco da abordagem que Kosik dá ao problema do conhecimento, na medida em que relaciona a origem do nazismo e todo seu capital filosófico com uma mística decadente da burguesia em certo estágio do imperialismo, depois de ter relacionado o iluminismo e o materialismo moderno com as necessidades da burguesia revolucionária. Mas quando falo em aproximação aqui, apenas me refiro à atitude de Politzer em situar o pensamento iluminista e o irracionalismo mistificador em relação às características da totalidade social do tempo em que viveu. O conteúdo específico com que Politzer e Kosik dimensionam a cotidianidade e a estrutura do mundo burguês, assim como a precisão com que cada autor relaciona mundo e pensamento, imagino, são bem diferentes.

Quando pensamos em Vigotski em relação ao problema do concreto, as coisas ficam mais interessantes. Primeiramente, destaco a relação de Vigotski com as formulações politzerianas em torno da psicologia concreta. Vigotski menciona Politzer em duas ocasiões nos textos que estão reunidos nas *Obras escolhidas* e o cita também no *Manuscrito de 1929*, ao qual fiz menção anteriormente.

No volume da “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (Vygotski, 2013a), ele diz que a psicologia está a se humanizar e recorre a Politzer para dizer que não é o músculo que se contrai, mas o homem que trabalha. No volume IV (Vygotski, 2013b), quando trata do problema da sobredeterminação da personalidade em relação às funções psíquicas, volta a mencioná-lo [Politzer] em um sentido muito

similar a esse, ao dizer que não é a memória que lembra ou o pensamento que pensa, mas um eu que pensa e que lembra. No *Manuscrito de 1929*, além de referência similar às anteriores, ele relaciona a personalidade ao drama, e ainda a psicologia abstrata à psicologia concreta. Como se tratam de notas, Vigotski apenas registra, ali, algumas poucas ideias mas não chega a desdobrá-las por inteiro. Mas o que eu acho realmente fantástico dessas notas vigotskianas é que tendo compreendido bem o sentido de psicologia concreta na acepção de Politzer, Vigotski não acata a insígnia watsoniana bastante elogiada por Politzer de recusa da análise da vida interior – ou da psicologia dos processos mentais – e chega a dizer que é preciso estudar tanto a psicologia abstrata que delimita a origem, estrutura e relações entre os processos psíquicos quanto a concreta, que coloca a personalidade e o drama no centro de qualquer análise. Por isso, sinto ter que repetir isso, considero a passagem em que Vigotski nomeia sua psicologia como a elaboração abstrata da psicologia concreta, uma passagem tão significativa. Por isso, também, não julgo prudentes algumas associações ou até identificações muito pouco embasadas que alguns pesquisadores têm feito entre psicologia histórico-cultural e psicologia concreta.

Em segundo lugar, penso que há um paralelo importante entre a análise a que Vigotski submete a ciência psicológica e as questões gnoseológicas abordadas por Kosik na *Dialética do concreto* como parte de uma teoria do conhecimento, mas que merece pelo menos alguma pesquisa particular para que possamos afirmar ou rejeitar essa correspondência.

Dialogando com a ciência histórica e a economia, Kosik discute a relação entre o fato e a totalidade, fato e generalização, o peso relativo que um fato deve ter numa totalidade estruturada e, por extensão, analisa as formas pelas quais um fato hipostasiado ou mal dimensionado pode dar origem à representação de uma má totalidade. No famoso texto de Vigotski (2004) sobre o *Significado histórico da crise da psicologia*, Vigotski assume uma atitude similar ante o desenvolvimento da ciência psicológica. Ele inicia aquele manuscrito caracterizando a psicologia como um conjunto heterogêneo de ideias com cada escola elegendo um princípio explicativo. As quatro tradições que ele analisa fizeram alguma descoberta importante sobre o psíquico e suas propriedades, e cada escola transformou sua descoberta em princípio explicativo. Em si mesmas, cada uma destas descobertas é muito rica quando relativa ao domínio da realidade do qual derivou, mas elas são infladas ao ponto de converterem-se em princípio explicativo e passarem a explicar tudo. Vigotski usa a metáfora de uma rã que inchou até tornar-se um boi para ilustrar a trajetória que uma nova descoberta em psicologia costuma descrever. Creio que, aqui, Vigotski esteja operando em termos muito compatíveis com a discussão de Kosik sobre o concreto, a má totalidade e a pseudoconcreticidade. Também a formulação do conceito de nexos psicológico por Vigotski, penso, está em consonância com a discussão de Kosik. Vigotski define um sistema como um relação (temporária) entre as funções psicológicas e chega a afirmar que o que se transforma no curso do desenvolvimento não são tanto as funções tomadas isoladamente, mas o nexos entre elas; não há uma relação fixa entre as funções durante o desenvolvimento. As transformações dos nexos entre as funções costumam resultar na passagem a outro patamar do desenvolvimento, na formação de uma nova totalidade, uma nova estrutura do psiquismo. Por isso, nem mesmo as leis do desenvolvimento permanecem as mesmas no curso do desenvolvimento. Esta ideia de totalidade movente é bastante enfatizada na análise de Kosik.

E isso, sem falar no modo como Vigotski reinterpretou os achados empíricos de autores os mais diversos, como reformulou os métodos de investigação oriundos das mais distintas tradições teóricas e, ainda, como incorporou conceitos de outras escolas de psicologia em seu próprio sistema teórico ao tratar de cada problema particular ao qual se dedicou. Mas, de novo, são apenas impressões da minha parte e acho que só a pesquisa teórica dedicada poderá informar-nos melhor sobre a compatibilidade entre a dimensão do concreto na teoria do conhecimento formulada por Kosik e na psicologia de Vigotski.

Germinal: Tanto Politzer quanto Vigotski estão escrevendo em estágios de desenvolvimento do capitalismo muito diferentes dos atuais e em países que não viveram um processo de colonização. Na sua compreensão, há desafios específicos para a construção de uma psicologia concreta em um país como o Brasil, de capitalismo dependente, que passou por quase 400 anos de escravização?

Bruno Peixoto Carvalho: Sem dúvidas, mas há, pelo menos, dois modos de lidar com esses desafios. É óbvio que Politzer e Vigotski não se dedicaram a uma série de questões que para nós e em nosso tempo são decisivas, como a questão racial. A constatação de que a questão racial no Brasil não recebeu a devida atenção por parte da psicologia – como ciência e como profissão – já é algo relativamente bem difundido.

O primeiro modo diz respeito à suposição de que distante da realidade dos processos de colonização e do escravismo, as teorias de Vigotski e Politzer não poderiam oferecer um instrumental teórico para refletir e intervir sobre a realidade de formações sociais estruturadas sobre essas determinações. Essa é uma suposição que tem sido levada bem longe pelas abordagens pós-modernas e pelas chamadas teorias decoloniais. Nelas, o reconhecimento de cada determinação particular que participa da formação e deformação de nosso psiquismo, ou subjetividade como tem sido mais comum referir-se, ganha o estatuto da afirmação de uma nova teoria psicológica: uma psicologia indígena, uma psicologia negra, uma psicologia feminista, etc. Este é um modo fragmentário de lidar com as particularidades de nossa formação social e, em tratando-se de psicologia, com a função que elas ocupam na nossa constituição psíquica. Este modo de responder à questão consiste, ainda, em situar, corretamente, o colonialismo e o escravismo colonial como fenômenos da modernidade para, a seguir, rejeitar a modernidade em bloco: suas concepções de racionalidade, de verdade e a ideia de progresso devem ser abandonadas. Também os autores, teorias e conceitos originados fora da periferia capitalista são identificados com o colonialismo, ou com a colonialidade como costumam referir, embora admita-se em muitos casos um pouco de Nietzsche e um tanto de Deleuze e Guattari. Esta abordagem está tão longe da psicologia concreta quanto o movimento hippie estava da revolução.

Um segundo caminho consiste no entendimento de que o legado da modernidade burguesa é contraditório: que convivem lado a lado o avanço sociotécnico e as formas mais deformantes de trabalho, o progresso social e a barbárie, o avanço do conhecimento e a privação dos indivíduos dos meios e conteúdos mais básicos da instrução formal. Por óbvio, o fato de que a modernidade tenha se desenvolvido sob a égide da burguesia limita absurdamente a possibilidade de universalização das suas promessas, mas neste caso, preferimos nos posicionar pela supressão da burguesia que pela supressão da modernidade. Apenas para ficar com um exemplo conhecido entre nós e por esta revista, me refiro à pesquisa da Angelina sobre a

adolescência no contexto brasileiro (Pereira, 2024). A pesquisa de Angel, publicada na *Germinal*, faz a crítica tanto à universalização das particularidades burguesas operada pela psicologia sobre este período da vida, quanto afirma a tarefa imperativa de que o conhecimento sobre a adolescência deva incorporar as particularidades e os obstáculos ao desenvolvimento que constituem o drama da vida de cada um de nós no interior de relações sociais objetivas hierarquizadas pelo racismo. Mas essa discussão é feita a partir dos conceitos de vivência, de situação social de desenvolvimento, de atividade principal, ou seja, daqueles elementos universais que constituem todo processo de desenvolvimento, qualquer que seja a sua forma.

Acho que uma questão importante também que a gente pode assumir a partir da formulação da ideia de psicologia concreta por Politzer é a ideia de que o objeto da psicologia deve incluir o fato e sua significação. Na medida em que o racismo corresponde a um conjunto de relações sociais objetivas, que incluem tanto as formas históricas de opressão quanto o seu revés, as formas de organização e resistência, penso que uma tarefa importante para nossas investigações particulares consiste em dimensionar de que forma este substrato objetivo das relações constitui o conteúdo objetivo da nossa consciência, tanto no que se refere a seus componentes – o tecido sensorial, os sentidos e significados – quanto na sua dimensão sistêmica, qual seja, das funções da consciência e seu conteúdo (do pensamento, da percepção, da imaginação).

Uma coisa é o reconhecimento que não demos dado a consequência devida à investigação de determinadas questões capitais do nosso povo. Coisa distinta é que a resposta a esse desafio seja dada recorrendo-se à fragmentação e ao abandono dos referenciais modernos de produção do conhecimento de que o marxismo é ao mesmo tempo parte e contraponto crítico.

Germinal: Em seu artigo “O que é psicologia concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia”, publicado na revista *Interação em psicologia*, em 2020, você enuncia que um dos desafios antevistos por Politzer para a realização de uma psicologia concreta, é de que ela seja uma ciência que “represente o estudo adequado dos fatos psicológicos e esteja em constante confronto com os achados empíricos” (Carvalho, 2020, p. 336). Quais desafios há hoje para que o confronto entre estudos e dados empíricos seja realizado e contribua para a construção da psicologia concreta?

Bruno Peixoto Carvalho: Acho que um desafio bem significativo em relação a esta tarefa significativa da psicologia concreta reside em nosso modelo de pós-graduação. As exigências de produtividade estabelecidas pelas agências de fomento e pela CAPES e sua aceitação pelos programas de pós-graduação têm resultado em tempos cada vez mais reduzidos para a elaboração do trabalho intelectual, e num volume de tarefas crescente de que o jovem pesquisador deve dar conta além de realizar a pesquisa.

Parametrizados por um modelo que avalia a qualidade de seus programas pela métrica da produção, pelo número de trabalhos que um pesquisador derivou de sua pesquisa modesta, vemos progressivamente o formalismo assumir o papel da análise crítica, a metodologia impor-se ao objeto, e não o contrário. Um psicólogo vigotskiano que queira estudar o problema da formação de conceitos, fará uma revisão de literatura sobre o tema, incluindo, muitas vezes, apenas aqueles trabalhos que partem do seu próprio enfoque. Não precisa se comprometer em buscar pesquisas cuja abordagem teórica seja distinta, afinal, definiu bem,

e formalmente, os critérios de inclusão e exclusão e previamente limitou o seu escopo à própria teoria. Talvez se surpreenda com o fato de que os behavioristas fizeram muita pesquisa experimental sobre o problema da formação de conceitos, mas ninguém insistirá que deveria tomar cuidadosamente este material em análise, uma vez que metodologicamente está seguindo os critérios que antecipada e formalmente definiu, ainda que ignorando a realidade da pesquisa em torno de seu objeto de pesquisa.

Qualquer que seja o objeto de pesquisa, exige-se do pós-graduando que realize uma análise sistemática da literatura ou uma revisão integrativa. No mais das vezes, o que vemos nos primeiros capítulos de teses e dissertações é uma coleção de artigos que o pesquisador reuniu de forma muito pouco integrada ou sistemática, a despeito do que esses tipos de revisão sugerem. Com os tempos comprimidos e a hegemonia do formalismo na produção intelectual, o pesquisador tem que escolher entre coletar e organizar dados ou pensar teoricamente. Este modelo de organização da pós-graduação promove o rebaixamento do papel da teoria e, talvez por isso, entre nós, as teorias pós-modernas, fragmentárias, relativistas e descomprometidas com a ideia de que a teoria deva refletir o real, sejam tão bem acolhidas nos programas de pós-graduação.

Outro desafio, penso, é que boa parte da psicologia refletida nos periódicos que circulam em língua inglesa tem sido feita sem teoria. Impera, neste tipo de produção, um empirismo bárbaro. Numa revisão que fizemos sobre pesquisa experimental com o tema da esquizofrenia na base da APA PsycNet, praticamente não encontramos uma abordagem propriamente psicológica a este problema científico. Os artigos limitavam-se a reproduzir as definições do DSM, quando muito, e a estabelecer operacionalmente um dado construto como a memória ou a atenção, e a relacionar as variáveis desse construto com um ou outro sintoma ou uma outra tipologia do quadro da esquizofrenia. Estes trabalhos nem mesmo alusivamente remetiam a qualquer tentativa de incluir os achados experimentais num modelo mais geral sobre o psiquismo. Eu disse que essa psicologia tem sido feita sem teoria, mas isso é apenas metade verdade. Na ausência de uma teoria totalizante, o que abunda nesses trabalhos é a hipótese cognitivista sobre as relações entre cérebro, funções mentais e comportamento para cada fenômeno sobre o qual encontrou-se alguma correlação estatisticamente significativa.

Um terceiro desafio, é que a psicologia não deveria ser propriedade dos psicólogos. Essa, claro, é mais uma exigência da verdade objetiva que das disputas corporativas por meio das quais nós buscamos desesperadamente uma identidade profissional. Quando Vigotski dedica-se a problemas da psicologia está ocupado com o problema da formação de professores no contexto da Revolução de Outubro. Uma de suas teses mais conhecidas é aquela que afirma que a instrução é a fonte de todo desenvolvimento psíquico. Parte decisiva do material empírico coligido pela psicologia histórico-cultural no contexto de seu surgimento na União Soviética está relacionado ao contexto da instrução social do povo soviético. O reconhecido trabalho dos psicólogos soviéticos com pessoas com deficiência, reconhecido até mesmo pela UNESCO, vejam só, foi um trabalho de educadores, filósofos – recordo-me de Ilienkov – e psicólogos. A separação rígida dos papéis relativos aos processos de instrução e desenvolvimento como concernentes ao professor, de um lado, e ao psicólogo, de outro, só pode existir como parte da deformação da divisão social do trabalho que o capitalismo promove, mas não corresponde à realidade do desenvolvimento psíquico. A psicologia poderia ser um importante instrumento à disposição dos professores. Mas não tem sido. Com ela, podemos situar o

papel concreto da educação social no desenvolvimento do comportamento, da moralidade, das capacidades, da personalidade da criança. Quando os professores ante uma criança de comportamento difícil recursam à ideia de que a criança possa ter um transtorno como o TOD, abandonam a ideia de que a educação seja o elemento decisivo na formação do comportamento, da cooperação e da disciplina escolar, e esse passa a ser um problema da medicina e dos psicólogos que lidam com tais questões. Do mesmo modo, do lado dos psicólogos, é impossível atuar conscientemente na direção do desenvolvimento dos processos psíquicos, do comportamento e da personalidade se desconhecemos os processos de instrução que os promovem. Acatar essa rigidez dos papéis socioprofissionais e seu correspondente no campo dos processos psíquicos reais é – a meu ver – recair no formalismo da psicologia abstrata. Aquele trabalho espetacular do grupo de Vigotski (2004) com o método experimental de Sakharov sobre o processo de formação de conceitos é apenas a forma abstrata da psicologia do pensamento, parafraseando Vigotski. Essa forma abstrata da psicologia do pensamento precisa se encontrar com a formação dos conceitos químicos cujo desenvolvimento ela deve promover no interior dos processos formativos reais, não é, Hélio? Como um psicólogo prático poderia lidar com o processo de formação de conceitos na abstração dos processos reais de instrução que os formam e os requerem?

Todos estes desafios que aqui enunciei, meio canhestramente, são externos, por assim dizer: a estrutura da pós-graduação brasileira, a hegemonia do empirismo bárbaro e do cognitivismo na psicologia, a divisão do trabalho intelectual e socioprofissional. Do ponto de vista interno e metódico, creio, essas tarefas já foram bem organizadas por Vigotski em *O significado histórico da crise da psicologia* e em menor medida por Politzer na *Crítica dos fundamentos da psicologia* e em seus dois artigos para a Revista de Psicologia Concreta, de 1929.

Germinal: Olhando para a sua trajetória e atuação profissional como professor e pesquisador no ensino superior, como você tem dialogado com este projeto de construção de uma psicologia concreta? Como sua atuação hoje (no ensino, na pesquisa e na extensão) dialoga com o projeto de construção de uma psicologia concreta?

Bruno Peixoto Carvalho: Eu devo dizer que o tema da crise da psicologia abordado por Vigotski, do que o problema da psicologia concreta é um de seus componentes, tem sido uma orientação permanente do meu trabalho nestes âmbitos mais do que exclusivamente o problema da psicologia concreta.

No ensino de psicologia histórico-cultural tenho sempre buscado demonstrar a vigência de certas questões já identificadas por Vigotski e Politzer na análise que fizeram do problema da crise da psicologia na psicologia de nosso tempo. Na medida do possível, relaciono os temas que ensino, como o comportamento, as funções psíquicas, a consciência, com o modo das principais teorias da psicologia abordarem a mesma questão e as questões que os psicólogos se defrontam em seu contexto de atuação. Apenas como ilustração, quando eu discuto com estudantes de psicologia o problema da relação entre instrução e desenvolvimento, eu apresento o problema de forma bem colada ao texto do Vigotski (2021): Piaget e a relação independente do desenvolvimento em relação à instrução; a reflexologia e a identificação entre um processo e outro, e a *gestalt* como uma posição que reconhece simultaneamente a dependência do desenvolvimento em relação à

instrução, ao mesmo tempo que reconhece o desenvolvimento psicológico como uma esfera mais ampla que não se confunde com os processos de instrução. Até aqui parece apenas que eu estou lidando com velhacarias da história da psicologia, mas eu também relaciono a posição de identidade que diz que desenvolvimento é instrução com a posição do behaviorismo radical a este respeito, do mesmo modo que relaciono a hipótese cognitivista com a posição de Piaget sobre estes processos. E quanto a esta última teoria, situo o problema envolvido na adesão à tese que diz que a instrução deve esperar que certos estágios do desenvolvimento estejam concluídos para que possa ser oferecida. Ela acaba por reproduzir a ideia de que o que determina o comportamento, o ato dos sujeitos, é o palco que opera por detrás do palco da vida: as funções cognitivas. Se algo vai mal no plano da instrução, se a criança não se beneficiou como se esperava de certos componentes do processo de escolarização, então pode-se concluir que alguma de suas funções psíquicas não desenvolveu-se a contento. De novo, estamos diante do problema do cognitivismo como invólucro racional do processo de medicalização da vida e, aliás, é impossível ensinar qualquer coisa importante hoje em psicologia sem se posicionar em relação a este processo. Muito da minha discussão sobre isso tem se nutrido de algumas noções da psicologia em primeira pessoa de Politzer, da ideia do eu que pensa, do humano que move o músculo, de que a força explicativa da psicologia não deve consistir em supor um palco detrás da vida dramática dos sujeitos. Olha, eu sei que falando desse jeito a coisa parece mais simples do que é, mas eu costumo desdobrar isso após um par de horas de discussão.

Na pesquisa, costumo acompanhar a atitude crítica de Vigotski e Politzer ante as demais escolas do campo psi de posicionar cada problema em relação às principais teorias que a ele se dedicaram. Isso pode até mesmo parecer uma obviedade, mas tem sido muito comum na pesquisa em psicologia no Brasil que os pesquisadores estabeleçam um diálogo quase exclusivo com autores do próprio campo teórico. Quando Politzer organizou a Revista de Psicologia Concreta, fez com que nela publicassem autores das mais várias tendências: a psicanálise, o behaviorismo e a psicotécnica estavam presentes. Politzer sabia que nenhuma destas escolas seria capaz de realizar a reforma da psicologia que a *Interpretação dos sonhos* de Freud (2019) anunciou e frustrou simultaneamente. Mas ele acreditava também que no interior destas tendências em psicologia estavam presentes os germens da psicologia concreta. A saída da crise está na própria psicologia, mas não numa escola de psicologia em particular. Essa superação depende de um exame crítico, prolongado no tempo e coletivo daquilo que de significativo esta ciência produziu. Essa verdade politzeriana, imagino, está vigente ainda hoje.

Germinal: Bruno, você gostaria de deixar alguma mensagem para os/as leitores/as que estão em busca de uma psicologia concreta?

Bruno Peixoto Carvalho: Eu não me ousaria a tanto.

Referências

CARVALHO, B. P. O que é a Psicologia Concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 24, n. 3, 2020.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976

PEREIRA, A. P. Considerações sobre classe, raça e gênero para uma compreensão concreta da adolescência no Brasil. **Germinal: Marxismo e educação em debate**, Salvador, vol. 16, n. 2, p. 379–402, 2024.

POLITZER, G. Psicologia mitológica e psicologia científica. In: POLITZER, G. **Os fundamentos da psicologia**. Lisboa: Prelo Editora, 1975, p. 75-1589.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia**: a psicologia e a psicanálise. Piracicaba: Editora Unimep, 2004.

SÈVE, L. **Marxismo e teoria da personalidade**. V. 3. Lisboa: Horizonte universitário, 1979.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 21, n.71, p. 21-44, 2000.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. In: VIGOTSKI, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 203-420.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. O problema da instrução e do desenvolvimento mental na idade escolar. In: PRESTES, Z.; TUNES, E. (Orgs.). **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VYGOTSKI, L. S. Método de investigación. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Machado Libros, 2013a.

VYGOTSKI, L. S. Dinámica y estructura de la personalidad del adolescente. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Machado Libros, 2013b.

Notas

¹Bruno Peixoto Carvalho é psicólogo e doutor em psicologia social. Atualmente, é professor no Departamento de Psicologia da UFPR. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9282123574879515>
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1071-9433> E-mail: pcarvalhobruno@ufpr.br

Recebido em: 15 de maio 2026

Aprovado em: 31 de maio 2026